



A criança agressiva e o pai

The aggressive child and the father

 Conceição Aparecida Serralha*

Resumo: A teoria de Winnicott sobre o processo de amadurecimento humano permite identificar responsabilidades específicas no desempenho do papel paterno ao longo desse processo, de acordo com os diferentes períodos de dependência do indivíduo em relação ao ambiente. Sob esse ponto de vista, este texto apresenta uma análise da qualidade da presença paterna nos casos de crianças entre quatro e sete anos de idade, atendidas em um projeto de extensão universitária, que possa ser passível de ser relacionada à intensa agressividade apresentada por essas crianças. Nesta análise, falhas de responsabilidades do pai durante o desempenho do seu papel, anteriores à sua responsabilidade de intervir, colocando limites aos desejos sexuais da criança em relação ao genitor do sexo oposto, destacam-se, principalmente no tocante à criação de um ambiente estável e indestrutível no qual a criança possa crescer, e que se relacionam ao apoio à mãe e à sustentação da lei e da ordem inicialmente implantadas por esta na vida da criança.

Palavras-chave: agressividade; papel paterno; responsabilidade.

Abstract: Winnicott's theory about the human maturation process allows to identify specific responsibilities in fulfilling the parental role during this process, according to the different periods of the individual's dependence on the environment. From this point of view, this paper presents an analysis of the quality of paternal presence in the cases of children between four and seven years old, served in a university extension project, which may be susceptible to be related to the intense aggression displayed by these children. In this analysis, responsibility failures of the father during the performance of his role, prior to his responsibility to intervene, placing limits on the sexual desires of the child against the parent of the opposite sex, stand out, especially regarding the creation of a stable and indestructible environment in which the child can grow, and that relate to the mother support and the support of law and order initially deployed in child's life.

Key words: aggression; paternal role; responsibility.

* Professora adjunta da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

A teoria de Winnicott (1988/1990) sobre o processo de amadurecimento humano permite identificar responsabilidades específicas no desempenho do papel paterno ao longo desse processo, de acordo com os diferentes períodos de dependência do indivíduo em relação ao ambiente. Ao discorrer sobre o papel suficientemente bom dos pais relativo à capacidade de cuidarem de forma satisfatória de seus filhos, Winnicott fazia referência ao desempenho de pessoas que tiveram a oportunidade de amadurecer e, assim, conseguir assumir todas as responsabilidades inerentes aos seus papéis, quer fosse o papel materno, quer o paterno. Contudo, não é essa a realidade das pessoas que, muitas vezes, buscam atendimento de problemas físicos ou psicológicos, para si ou para seus filhos. Esse fato, por sua vez, possibilita-nos acompanhar Winnicott em sua teorização sobre as dificuldades no exercício dos papéis parentais, quando as pessoas responsáveis por exercê-los tiveram o seu próprio processo de amadurecimento comprometido.

No cotidiano da clínica, são verificadas várias consequências de falhas no amadurecimento pessoal para o desempenho desses papéis. Podem ser encontrados pais e mães que não conseguem sair da condição de serem cuidados para a condição de cuidadores, o que traz sofrimento para a criança e para eles. Há, também, mães que não se permitem compartilhar a criação do seu bebê com o pai, sendo importante questionar, nesses casos, não só a condição imatura da mãe, mas a condição de amadurecimento desse pai a quem a mãe não permite um compartilhamento, ou seja, se ele se mostrou confiável durante o relacionamento de ambos. E mais um exemplo pode ser encontrado em pais e mães que, por se identificarem com os filhos em sua reação a falhas no atendimento de suas necessidades, não sabem manejar a situação e partem para a agressão ou, por dó, superprotegem ou abandonam seus papéis, delegando à sorte o futuro de seus filhos. Segundo Winnicott:

[...] quando você tem pais que pode incorporar, muito vai depender de como são esses pais, se eles são, de certa forma, rígidos ou adaptáveis. Se você só pode contar com pais rígidos, sua posição é quase a de um órfão, que perdeu algum aspecto humano nos cuidados iniciais. (1986a/1991, p. 143)

Também em outro texto, Winnicott assinalou: “[...] certamente os pais que são superprotetores causam situações angustiantes em seus filhos, assim como os pais que não podem ser confiáveis tornam seus filhos confusos e assustados” (1993a/1993, p. 101).

O presente trabalho, embasado na teoria de D. W. Winnicott, pretende analisar a qualidade da presença paterna nos casos de crianças entre quatro e sete anos de idade, atendidas em um projeto¹ de extensão universitária. À parte das questões neurológicas envolvidas nesses casos, a análise se pautará na possibilidade de inter-relação entre a intensa agressividade apresentada por essas crianças e o exercício dos papéis parentais, em especial, o papel paterno.

1. A capacidade de identificação

Nas atividades de extensão realizadas, as famílias que delas participaram tinham em comum os incômodos comportamentos agressivos de seus filhos. Eram crianças de até seis, no máximo, sete anos de idade. Ao contrário do que dita o senso comum sobre a história de crianças muito agressivas – de que são oriundas de lares desfeitos, sem a presença física de um ou ambos os pais –, todas as onze famílias participantes tinham pai, mãe e filhos vivendo juntos, a não ser um caso em que o pai estava em reclusão, mas que era muito querido dentro da família.

A análise aqui apresentada recaiu sobre duas dessas famílias, cuja identificação dos pais com os filhos, em sua condição de filhos reativos a falhas nos cuidados necessitados, ficou mais evidente. Ou seja, durante a realização das atividades de extensão, a equipe observou que os pais se identificavam com os filhos – com as características destes de poucos recursos amadurecidos para lidar com determinadas situações –, quando estes reagiam agressivamente. Sobre essas ocasiões, eles não só relatavam se lembrarem de cenas de suas próprias infâncias, como tentavam dar-lhes um sentido, muitas vezes sem sucesso, em razão da ansiedade relacionada ao ocorrido na ocasião, que também se atualizava nesses momentos.

A identificação, conceito fundamental dentro da Psicanálise, recebeu nuances diferentes, dependendo da situação estudada por Freud. Somente com o desenvolvimento da Psicanálise, esse conceito recebeu uma definição mais sistemática, a de “um processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam” (Roudinesco & Plon, 1997/1998, p. 363).

¹ Foram colaboradoras na realização desse projeto as discentes do Curso de Psicologia da UFTM Marília de Souza Silva, Roberta Espote, Selene Aparecida Vilela Arruda, Tarcila Barboza Silva (bolsista UFTM), Ariana Arduini e Flavia Ximenes.

Winnicott (1986b/1996; 1989a/1994), frequentemente, apontou a capacidade de identificação entre pessoas humanas e a importância desta para o papel facilitador do ambiente no tocante ao amadurecimento humano; em outras palavras, a importância da

capacidade de se colocar na pele do outro, de sentir-se na situação do outro e se dar conta das necessidades deste para, enfim, atendê-las. Entretanto, esse processo pode se complicar se essa identificação ocorre em relação a situações não suficientemente elaboradas, ou mesmo, de fato, não experienciadas, na infância dos próprios pais. De acordo com Winnicott (1989a/1994), algumas pessoas podem ter vivido eventos traumáticos relativos a um cuidado não suficientemente bom, em cujo momento de ocorrência não havia ali um eu capaz de experienciar e temporalizar esse evento. Ao assim se identificarem, os pais perdem qualquer capacidade de atendimento das necessidades da criança, e o que se instala pode se aproximar de uma situação de caos.

Os casos a seguir exemplificam esse outro lado, em que as dificuldades surgem quando a identificação dos pais ocorre em relação a características de imaturidade dos filhos e que os levam a viver situações de forma angustiante. As situações que provocam grande angústia, ou “agonias impensáveis”, segundo Winnicott (1989a/1994), geralmente são vividas em um período de grande imaturidade, na ausência de uma provisão ambiental suficientemente boa. As agonias impensáveis são assim denominadas por ele considerar que a palavra ansiedade não seria suficientemente forte para abranger o intenso sofrimento vivido pelo indivíduo nesses momentos.

1.1 A família de Pedro

Pedro – uma criança de seis anos – era descrito pelos pais como muito “nervoso sem a medicação”, e quando diziam “não” para ele. Embora a mãe achasse que ele ficava melhor com a medicação, o pai não concordava com isso. Também a mãe achava que Pedro respeitava mais o pai. Este, por sua vez, dizia que Pedro havia perdido o respeito por ele; assim, habituara-se a colocá-lo de castigo ou bater. A mãe, quando nervosa, batia nele e até o mordia, “pegava-o pelo pescoço”. Pedro a xingava, ficava emburrado e falava que ia fugir. A mãe o ameaçava e o amedrontava dizendo que “o louco” viria pegá-lo.

Os pais disseram que Pedro, por outro lado, era muito carinhoso. Às vezes, segundo a mãe, ele tentava beijá-la, mas ela não tinha paciência com isso por estar cansada e ter que dar conta do serviço da casa após um dia inteiro de trabalho em uma empresa. De acordo com a mãe, ela própria, quando criança, não podia “agarrar” sua mãe sempre que queria e não estava acostumada com esse tipo de carinho. O pai também contou que, quando criança, se fosse beijar sua mãe, levava um “tapa”.

Os pais dataram o início do comportamento agressivo do filho a partir dos três anos de idade, cuja causa, para eles, era em razão das várias brigas conjugais causadas pelo ciúme paterno e que foram presenciadas por Pedro. Em uma das ocasiões, Pedro se escondeu embaixo do tanque, tamanho o medo que sentiu. Apavorava-se com a possibilidade da separação dos pais. O pavor de Pedro, relatado, parecia se aproximar muito de uma “agonia impensável” em virtude da desorganização que tomava conta da criança, muitas vezes envolvendo agressões e destruição do ambiente. Esse tipo de sofrimento se aproximava, para Winnicott, de “um estado de confusão, de desintegração da personalidade, um cair para sempre, uma perda de contato com o corpo, uma desorientação completa, e outros estados dessa natureza” (Winnicott, 1986b/1996, p. 77).

O pai relatou que, aos domingos, o filho era mais calmo. Acreditava que Pedro devia sentir falta dele e, no domingo, procurava ficar mais com o filho. Disse: “Me preocupo muito com o nervosismo dele. Eu era assim quando menino, dava trabalho. Minha família fala que é de família. Às vezes, sofro”. Disse ainda: “Eu tinha ausência do meu pai. Eu trabalho, mas quando dá, brinco com ele. Meu pai era totalmente diferente. Ele nunca sentou comigo pra conversar. Com minha irmã já... isso me deixava muito nervoso. Até uns dez anos atrás, tinha revolta contra ele. Ele me espancava muito, de tirar sangue. Mas não adiantava. Sempre senti falta. Tenho meu pai, mas nunca foi presente”.

Embora o pai de Pedro sentisse necessidade de ser diferente do próprio pai, sendo mais presente na vida do filho, não conseguia. A mãe disse que ele saía com o filho aos domingos, mas não dava atenção a ele. Levava-o para junto de seus amigos pessoais e, enquanto mantinha-se entretido, Pedro ficava sem atenção. Nos outros dias da semana, após o trabalho, o pai não conseguia ficar em casa, saía para o bar e deixava a mãe sozinha com os afazeres domésticos e com o cuidado dos filhos.

Ao longo dos relatos da mãe, pôde-se perceber que ela esteve sempre muito só na lida com os filhos. O pai pareceu ter tido muitas dificuldades de exercer seu papel à época do nascimento dos filhos, que, de acordo com Winnicott (1958a/2000), é de extrema responsabilidade no que tange ao apoio que a mãe necessita para conseguir desempenhar o seu próprio papel de forma satisfatória para o bebê. Essas dificuldades podem ter contribuído para a depressão pós-parto que a mãe viveu após o nascimento da irmã mais velha de Pedro.

De acordo com Winnicott (1958a/2000), no período inicial de maternagem, a mãe se torna, em vários momentos, imatura, dependente, desamparada, e, somente assim, pode se colocar na pele de seu bebê. Entretanto, sem um ambiente sustentador dessa condição dependente, que reassegure a mãe nesse período em que os sentimentos provenientes dessas circunstâncias acabam interferindo em

seu continuar-a-ser, ela terá de se defender, e, defendendo-se, não conseguirá ser uma mãe suficientemente boa. Para Winnicott, “[...] cada nova criança é uma ameaça à própria organização materna; à sua cuidadosamente edificada e bem mantida ordem de coisas” (1964a/1982, p. 137). A orientação especial por parte da mãe para com seu bebê, segundo Winnicott,

[...] não depende apenas de sua própria saúde mental, mas é afetada também pelo ambiente. No caso mais simples o homem, apoiado pela atitude social que é, em si, um desenvolvimento da função natural do mesmo, lida com a realidade externa para a mulher, de modo a tornar seguro e razoável para ela se tornar temporariamente introvertida e egocêntrica. (1965b/1990, p. 135)

No caso dos pais de Pedro, esse apoio parece não ter ocorrido suficientemente bem. Além disso, a mãe contou que, após o nascimento da filha, tomou anticoncepcionais durante três anos e interrompeu esse uso porque o marido parou de comprar o remédio, deixando subentender que ela não queria ter engravidado novamente, o que acabou acontecendo.

Winnicott também escreveu:

[...] no meu trabalho, aprendi muito sobre as dificuldades que as mães enfrentam quando não desfrutam uma posição favorável. Talvez tenham grandes dificuldades pessoais, de modo que não podem ter um bom desempenho, mesmo quando são capazes de ver o caminho; ou têm maridos que estão longe, ou que não fornecem um apoio adequado, ou que interferem, que são até ciumentos; algumas não têm marido, mas têm ainda que criar o bebê. (1993a/1993, p. 36)

Além de todos esses pontos analisados sobre o ambiente familiar de Pedro, torna-se importante retomar um ponto do relato do pai: “Eu tinha ausência do meu pai. Eu trabalho, mas quando dá, brinco com ele. Meu pai era totalmente diferente. Ele nunca sentou comigo pra conversar. Com minha irmã já... isso me deixava muito nervoso”. Observou-se que a história da relação amorosa entre o avô de Pedro e a irmã de seu pai, que tanta revolta produziu neste, se repetia na história dele com a irmã de Pedro. Segundo os próprios pais, a relação dos dois (pai de Pedro e a irmã deste) era “maravilhosa”.

Em vários momentos das horas interativas familiares realizadas no desenvolvimento do projeto, observou-se a atenção dos pais mais voltada para a filha, enquanto Pedro brincava em um canto, sozinho, uma vez que as solicitações deste aos pais frequentemente não eram ouvidas. Repetia-se a predileção, tão criticada pelo pai, de seu próprio pai em relação à sua irmã. A identificação com o filho – que fazia o pai reviver o intenso sofrimento vivido quando menino – e, ao mesmo tempo, a

ausência de recursos amadurecidos para lidar com esta faziam com que ele se afastasse do filho e, muitas vezes, gerava um comportamento agressivo no contato com a criança.

1.2 A família de Adriano

No caso de Adriano, o comportamento agressivo passou a incomodar por volta dos dois anos e meio, quando ele começou a frequentar uma creche. Antes disso, de acordo com os pais, era tranquilo. A mãe não conseguiu amamentá-lo e logo foi trabalhar fora de casa, não relatando qualquer alteração em Adriano relacionada a esse fato.

Aos sete anos, Adriano atrapalhava o andamento das aulas na escola, não parava quieto e xingava muito. Segundo o pai, quando ele próprio tinha a idade de Adriano, “era um pouco pior”: fugia de casa e voltava só depois de três dias. Seu sobrinho era companheiro de fuga. Muitas vezes, pessoas do juizado de menores precisaram ir atrás deles.

O pai acreditava que o que acontecia com Adriano e com o filho mais novo era um acúmulo de energia e, por isso, estava construindo uma piscina no quintal de casa, para que “gastassem energia”. Além disso, o pai relatou que tinha o costume de sair com eles para andarem de bicicleta; antes, ia a pé acompanhando-os, agora, não era mais possível, tinha que ir de bicicleta também para conseguir acompanhá-los. Disse: “Eu sou diferente do meu pai. Procuro ser diferente. Ele nunca saía com a gente. A gente não tinha pai companheiro, ele ia pra farra. Eu e meu sobrinho, a gente ia pro córrego, a gente levava tapete pra dormir no canteiro da praça. A gente pegava pão e leite das casas das pessoas. O juizado ia atrás da gente e levava a gente pra casa. Eu apanhava, mas, de madrugada, a gente voltava pra rua. A gente achava bom. A gente dormia na beira do córrego”.

Contou também que, com 17 anos, tornou-se dependente químico e acreditava que a roça e a igreja o livraram disso.

Nos relatos do pai de Adriano sobre a própria infância, a mãe não aparece. Talvez, a dificuldade de a mãe desempenhar bem o seu papel possa estar na base da dificuldade que ele relatava de ficar em casa e a necessidade de fugir, buscar comida e abrigo fora. Mais tarde, os limites colocados pelo trabalho e pela igreja parecem ter-lhe garantido a estabilidade ausente por falhas do pai e, muito provavelmente, em consequência dessa ausência, também pela falha significativa da mãe. Winnicott afirmou que, principalmente por causa das falhas no desempenho do papel paterno,

[...] a criança provoca reações ambientais totais, como que buscando uma moldura cada vez mais ampla, um círculo que teve como seu primeiro exemplo os braços da mãe ou o corpo da mãe. É possível distinguir uma série – o corpo da mãe, os braços da mãe, a relação parental, o

lar, a família (incluindo primos e parentes próximos) a escola, a localidade com suas delegacias policiais, o país com suas leis. (1984a/1999, p. 141)

Ainda segundo o relato dos pais, o relacionamento da criança com o pai era melhor do que com a mãe. Com esta, ele era mais “arredio”, chamava-a de “nojenta”, “feiosa”, “veia” e mostrava o dedo. Quando Adriano agia dessa maneira, ficava de castigo e levava umas chineladas. A mãe era mais brava, mas o casal não era pulso firme. Eles se tornavam, muitas vezes, incoerentes para as crianças em razão da mudança muito rápida de atitude em relação ao que elas faziam; diziam ter dó. Ela mencionou que também ficava brava com o pai das crianças, porque ele não ficava tão bravo quanto ela, e protestou: “Aí, a brava sou eu”. A mãe cuidava dos filhos na maior parte do tempo. Para Winnicott,

[...] grande parte da organização da vida de uma criança deve ser feita pela mãe, e os filhos gostam de sentir que a mãe pode dirigir um lar enquanto o pai não está realmente nele. Com efeito, toda mulher tem de estar apta a falar e agir com autoridade; mas se tiver de ser tudo na casa dela e tiver de oferecer todo o elemento de fortaleza ou rigor na vida dos filhos, a par do amor, suportará sobre os seus ombros um fardo deveras pesado. (1964a/1982, p. 129)

Rosa complementa:

Não podendo contar com a contribuição paterna, e sobrecarregada, a mãe pode tornar-se endurecida e acabar por exacerbar o controle, colocando ordem demais e perdendo, dessa maneira, a capacidade de oferecer ao filho o ambiente tranquilo e flexível de que ele necessita. Além disso, corre-se o risco de que as regras colocadas nesses momentos sejam, sobretudo, em função de sua irritação – decorrente da sobrecarga e do cansaço – e não das necessidades da criança. (2011, p. 83)

Na sua identificação com Adriano, o pai deixava para a mãe a colocação dos limites de uma forma mais rígida. Ele dizia que pedia para os filhos não serem mal-educados com a mãe e que “não era de bater”. Contudo, não sabia “ser firme” e cobrar deles os limites que tentava colocar; quando resolia ser mais enérgico, passava da medida do minimamente ponderado, uma vez que os sentimentos relacionados à sua identificação com o filho pareciam tomar conta de si, gerando ódio e agressão, da mesma forma como anteriormente analisou-se esse tipo de reação, na abordagem da relação do pai de Pedro com este. Recentemente, por exemplo, o pai de Adriano “deu uma correada” nos filhos por estes terem ido a um bar sem avisar. Apesar da violência física, o pai não conseguiu impor respeito. Os filhos começaram a gritar: “Não doeu e sua mãe morreu”, e ele não soube o que fazer com isso.

Sobre a escola os pais declararam: “No começo sempre chamam a gente, até não quererem ele mais lá. Estamos na expectativa. Ele é inquieto”. A mãe contou que Adriano “trocava muito de classe, pois tirava a atenção dos colegas. Uma vez ficou com a professora da 3.^a série. Ela fazia margem colorida no caderno dele, dava atenção. Ele era diferente com ela e ela com ele”. Entretanto, a adequação do cuidado dessa professora não foi suficiente para que Adriano permanecesse nesta escola, uma vez que a filosofia de ensino desta não permitia que uma professora de 3.^a série ficasse com um aluno de 1.^a série, regularmente. Além disso, não se pode afirmar que, se a filosofia fosse outra, o garoto conseguiria obter esse cuidado adequado continuamente, pois não se pode descartar o fato de que essa professora da 3.^a série não tinha, na verdade, a responsabilidade sobre a aprendizagem do garoto, tornando sua interação com ele menos sobrecarregada.

A mãe de Adriano afirmou ainda que, muitas vezes, tinha o sentimento de que seu filho era como ela quando criança; declarou que fez tratamento psicológico e repetiu a primeira série três vezes. Além disso, agora ele estava roendo as unhas como ela o fez no passado. Tudo isso fazia com que a mãe, assim como o pai, se identificasse com Adriano e se sentisse, muitas vezes, retraída na relação com ele, tomada pelas emoções, obstaculizando o atendimento das necessidades do filho, dando indícios de que as situações vividas em sua própria infância foram permeadas de intensa angústia.

Em uma das horas interativas realizadas com essa família, Adriano ficou todo o tempo montando peças de um brinquedo com o pai; não parecia, nem de longe, o menino impulsivo e inquieto relatado por eles. Questionados sobre o que entendiam disso, sempre relacionavam ao fato de ele estar em um ambiente estranho e com brinquedos novos, mas nunca reconheciam a influência de estarem reunidos e com a atenção voltada para ele, o que viria ao encontro, inclusive, da mudança em Adriano no período em que ficou sob os cuidados da professora da 3.^a série.

Nessa mesma hora interativa, um detalhe chamou nossa atenção. Ao entrarem na sala, onde a família passaria uma hora reunida, o pai, para sentir-se mais à vontade, tirou os sapatos e deitou-se em um colchonete no chão. Suas meias estavam com vários furos grandes. Este fato, que tende a incomodar muito uma pessoa por provocar dor e calos em razão do atrito gerado nessas circunstâncias, não pareceu incomodá-lo.

Nesse ponto, alguns aspectos poderiam ser discutidos em relação à teoria de Winnicott (1989a/1994) a respeito do processo de integração psicossomática e sobre as defesas associadas a dificuldades nessa integração. Segundo Winnicott,

[...] a irritação ou desconforto crônicos da pele dão ênfase à membrana limitadora do corpo (e, portanto, da personalidade), e [...] por trás disto, acha-se a ameaça de despersonalização e de uma perda das fronteiras corporais, bem como da impensável ansiedade quase física que pertence ao processo inverso do que é chamado integração. (1989a/1994, p. 91)

Estaria, assim, o pai de Adriano impedido de sentir esse desconforto por uma frágil coesão psicossomática, que não lhe permitia sentir aquela parte do corpo como sua e promover um autocuidado? Por essa mesma frágil coesão psicossomática, ele necessitaria que o desconforto provocado pelas meias furadas mantivesse essa mínima coesão, enfatizando a pele e não deixando perder inteiramente a vinculação psicossomática? A característica do trabalho realizado com a família não permitiu responder consistentemente esses questionamentos. Contudo, as vivências infantis relatadas por ele, a dependência química e a resposta positiva ao enquadre fornecido pelo trabalho e a igreja parecem indicar vivências ameaçadoras no sentido de uma despersonalização.

Por outro lado, a dificuldade da esposa de se identificar com as necessidades do filho pareceu se estender a outras pessoas. No caso do marido, parece não ter havido da parte dela uma identificação que permitisse o cuidado em relação às meias. Desse modo, a imaturidade pessoal de ambos os pais demonstrava afetar o cumprimento de responsabilidades de seus papéis sociais, no sentido do cuidado com o outro. Houve indícios de que à mãe faltava uma condição emocional que lhe permitisse oferecer cuidados, sem que fosse orientada em como fazê-lo. Nesse sentido, ocorreu também, pela própria condição imatura do pai, falhas de manejo paterno, o qual poderia criar condições para o cuidado materno.

2. Considerações finais

Em ambos os casos, as falhas nos papéis materno e paterno ficaram evidentes. Uma origem específica das dificuldades apontadas não seria acessível, mesmo que as características do trabalho realizado com a família fossem outras, uma vez que se entende que falhas em um papel acabam gerando falhas no outro, mostrando a interdependência destes para os seus desempenhos.

Nessa análise, em relação ao papel paterno, especificamente, destacaram-se falhas no tocante à criação de um ambiente estável e indestrutível para a criança poder se desenvolver. Esse ambiente, com essas características, está relacionado ao apoio à mãe e à sustentação da lei e da ordem, que, segundo Winnicott (1988/1990), é implantada pela mãe, inicialmente, na vida da criança. O comportamento agressivo e sintomático dessas crianças, surgido por volta dos dois a três anos de idade, parece ter se originado de falhas na provisão ambiental, a qual já tinha por base algum grau de falhas anteriores. Nesses casos, como mostrou Rosa em sua tese,

[...] a criança não atinge o sentimento de culpa, ou, se já o alcançou, pode perdê-lo. A destrutividade em tais situações não é nem inibida, nem integrada, ela é atuada compulsivamente no ambiente por meio de atos antissociais. Isso porque a criança deprivada, quer se trate de uma deprivação materna, paterna ou ambas, sente que o ambiente tem um débito para com ela. O sentimento é de ter sido roubada daquilo do qual tinha direito (a mãe, o ambiente estável mantido pela presença do pai etc.). Esse débito impede, por assim dizer, que ela entre no círculo benigno. Ou seja, impede que a solução buscada para a destrutividade que é inerente ao viver seja elaborada por via da reparação, pois, nesse caso, o devedor é o ambiente e não ela: portanto, a criança não se sente impelida a curar, remendar, consertar os estragos feitos; a capacidade para o sentimento de culpa fica muito prejudicada ou, dependendo do grau, não é alcançada. Ao contrário, ela espera (ainda que não tenha consciência disso) que sejam os pais que assumam e tomem para si esses cuidados. (2011, pp. 91-92)

Tanto no caso de Pedro como no de Adriano, houve evidências de que dificuldades de ambos os pais em seus próprios processos de amadurecimento prejudicaram o exercício de seus papéis parentais. Da forma como tudo ocorreu, não seria possível compreender integralmente dentro dos moldes do trabalho realizado, mas o processo de identificação dos pais com as reações de seus próprios filhos ficou claro.

Nos casos relatados, o processo de atendimento das necessidades dos filhos a partir da identificação dos pais com estes não se completou, uma vez que faltou a esses pais, na linha de seu amadurecimento pessoal, um modelo de integração, que lhes protegesse de angústias ou lhes fornecesse uma sustentação para, na vivência de uma angústia, conseguir elaborá-la. Assim, a identificação com os filhos, em relação às suas características imaturas – que provocavam reações às angústias geradas pela falta de atendimento às suas necessidades, principalmente de um ambiente estável, fazendo-os reviver as próprias angústias –, não lhes possibilitou condições para o atendimento dessas necessidades. Desse modo, a própria existência da criança fica ameaçada em razão da perda do ambiente estável, pois a mínima organização do eu pode se perder ou ficar por trás de vários tipos de sintomas e ganhos secundários

Essas considerações trazem aos terapeutas e profissionais da saúde a oportunidade de refletir sobre a responsabilidade de ampliar os cuidados oferecidos, quando chegam para atendimento crianças pequenas com queixas de comportamentos agressivos. É à família que os cuidados devem ser dirigidos, sem deixar de cuidar dos membros desta em sua individualidade e pessoalidade. Se assim for, estaremos contribuindo para o cuidado com a sociedade como um todo, uma vez que esta se compõe das unidades familiares em integração.

Referências

- Rosa, C. D. (2011). *As falhas paternas em Winnicott*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1997)
- Winnicott, D. W. (1982). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. (Trabalho original publicado em 1964a)
- Winnicott, D. W. (1990). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965b)
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1988)
- Winnicott, D. W. (1991). *Holding e interpretação*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986a)
- Winnicott, D. W. (1993). *Conversando com os pais*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1993a)
- Winnicott, D. W. (1994). *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1989a)
- Winnicott, D. W. (1996). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986b)
- Winnicott, D. W. (1999). *Privação e delinquência*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1984a)
- Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1958a)